



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

ALVIM, MÁRCIA HELENA

Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua Historia General de las cosas de
Nueva España

Estudos Ibero-Americanos, vol. XXXI, núm. 1, junio, 2005, pp. 51-60

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134618603004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua *Historia General de las cosas de Nueva España*

MÁRCIA HELENA ALVIM*

Resumo: Bernardino de Sahagún chegou à Nova Espanha em 1529 e permaneceu na América até sua morte, em 1590. O principal objetivo do frade era a conversão dos antigos mexicanos, e para o sucesso desta escreveu um manual no qual pretendia descrever o universo cultural pré-hispânico da Mesoamérica, para que os demais missionários pudessem averiguar a permanência da antiga religião, podendo pregar contra ela, quando necessário.

Abstract: Bernardino de Sahagún came to New Spain in 1529 and remained in America until his death, in 1590. Bernardino de Sahagún's goal in New Spain was the conversion of the natives to the Christian religion. He wrote a book describing the indigenous cultural universe in order to help other missionaries to recognize the permanence of ancient religion, trying to eliminate it.

Palavras-chave: Frei Bernardino de Sahagún. *Historia General de las cosas de Nueva España*. Missionários espanhóis.

Key words: Friar Bernardino de Sahagún. *Historia General de las cosas de Nueva España*. Spanish missionaries.

Introdução

A obra *Historia General de las cosas de Nueva España* elaborada pelo franciscano Bernardino de Sahagún (1499-1590) é considerada um dos mais valiosos instrumentos para se estudar o universo mesoamericano¹ anterior à chegada espanhola.

* Doutoranda do Programa de Ensino e História de Ciência da Terra, do Instituto de Geociências da UNICAMP. E-mail: malvim@ige.unicamp.br

¹ A Mesoamérica estendeu-se geograficamente pelas modernas nações do México, Guatemala, El Salvador, Belize, Honduras e regiões da Nicarágua e Costa Rica. Sua extensa dimensão territorial foi compatível com sua diversidade étnica, cultural e lingüística. Dentre os habitantes desta região, destacamos os *nahuas* (falantes da língua *náhuatl*) – mexicas (habitantes das cidades de *México-Tenochtitlán* e *Tlatelolco*).

A abrangência de seus temas é uma de suas características mais marcantes e enriquecedoras: os deuses, as crenças e rituais, a vida cotidiana, científica e moral, a organização militar e econômica, a história política e a conquista militar pelos espanhóis.

Esta grande obra é composta por doze livros, sendo que sua organização e estrutura remontam aos padrões da hierarquia medieval, onde em primeiro lugar encontramos os assuntos divinos, seguidos por temas relativos ao homem e, por último, sobre os conhecimentos da natureza.

Os doze livros da *Historia General* dividem-se em livros I, II e III, nos quais encontramos os temas ligados à religião dos antigos mexicanos, ou seja, seus deuses (características, poderes, indumentárias e adereços), suas cerimônias e festas, seus templos, oferendas, hinos e seus sacerdotes. Os livros IV, V e VII relatam o conhecimento mesoamericano dos astros, sua cosmologia e cosmovisão, destacando-se sua relação intrínseca com a religião. No livro V encontramos a exposição de Sahagún sobre os presságios e os sistemas adivinhatórios dos *nahuas* pré-hispânicos. A descrição do calendário mesoamericano foi realizada no livro IV e VII.

Os livros VII, VIII, IX e X compõem o panorama humano da obra sahanguntiana. O primeiro aborda assuntos ligados à retórica e à filosofia moral dos *nahuas*. No livro VIII Sahagún nos apresenta um histórico dos governantes das cidades que compunham a Tríplice Aliança,² ou seja, as cidades de *Texcoco*, *Tlacuba* e *México-Tenochtitlán*. O livro IX relata os principais ofícios mesoamericanos e o livro X descreve as “virtudes” e os “vícios” dos *nahuas*, esboçando suas principais concepções sobre o caráter humano e seus mecanismos de controle social. Neste livro estão descritos ainda os conhecimentos acerca da medicina e a farmacopéia.

O livro XI se refere aos conhecimentos mesoamericanos sobre o mundo natural, isto é, sobre os animais, os minerais e as plantas. No livro XII – uma exceção ao conjunto da obra sahanguntiana, pois ultrapassa o limite temporal proposto pelo autor em relatar o universo pré-hispânico –, encontramos sua narração sobre a conquista espanhola.

² Aliança militar entre as principais cidades do Vale do México que propiciou a expansão política e econômica de *México-Tenochtitlán*.

Bernardino de Sahagún e a elaboração de sua obra *Historia General de las cosas de Nueva España*

Bernardino de Sahagún nasceu em 1499 na vila de Sahagún, província de Leão, na atual Espanha. Aos quatorze anos foi enviado à Universidade de Salamanca, para terminar seus estudos e, após concluí-los, ingressou, entre os anos de 1516 e 1518, na ordem franciscana. Em 1524 ordenou-se frei Bernardino, adotando em seu nome o local de seu nascimento, a vila de Sahagún.

As idéias protestantes que abalaram a sólida estrutura da Igreja Católica foram contemporâneas ao momento em que Sahagún desenvolvia sua formação clerical. A Reforma Religiosa, iniciada com a divulgação das 95 Teses de Lutero, em 1519, espalhava-se rapidamente por toda a Europa. Entre as ações da Igreja, frente ao avanço das idéias reformistas de Lutero e Calvino nos interessa particularmente a instalação de missionários cristãos nas terras americanas recém-descobertas que propiciaria a tão desejada expansão do cristianismo e a conversão dos infiéis americanos.

Para a Igreja, o sucesso da evangelização do Novo Mundo seria possível, dentre outros fatores, devido à distância das novas terras em relação à Europa e pelo fato de a América ser uma terra recém-descoberta. Os missionários europeus acreditavam terem encontrado o local ideal para a criação da cristandade utópica. Assim, as novas terras poderiam ser transformadas em um Novo Mundo, opondo-se à Europa já envelhecida e corruptível. “Así la Iglesia apostólica, desaparecida en Europa, había vuelto a aparecer en América en el momento que llegaban los mensajeros del Evangelio...”³

No México, este ideal se demonstrou desde a conquista dos mexicas, quando os líderes espanhóis, preocupados com a catequização dos nativos, exigiram a vinda de missionários para a conversão dos indígenas conquistados. De acordo com Ricard,⁴ Cortés acreditava que a conquista política deveria estar atrelada à conquista espiritual, pois os povos conquistados deveriam reconhecer e aceitar os novos poderes político e espiritual. Esse autor denominou de conquista espiritual o momento, imediatamente posterior à vitória militar espanhola, da chegada dos missionários e seu trabalho de evangelização e conversão dos indígenas ao catolicismo. Essa forma de “conquista” seria tão eficiente e legítima quanto à conquista política dos mesoamericanos.

³ USLAR PIETRI, Arturo. *La creación del Nuevo Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 29.

⁴ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de Mexico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

Diante deste contexto de expansão do cristianismo na América, em 1529 Sahagún chegou ao México, onde ficou até sua morte em 1590. Ao chegar às novas terras encontrou um grande empecilho: a diferença lingüística. Numa tentativa de vencer os obstáculos existentes entre os dois mundos e empreender a evangelização, os franciscanos iniciaram, logo após sua chegada, o aprendizado da língua indígena. Desta forma, Sahagún tornou-se fluente na língua dos antigos mexicanos: o *náhuatl*.

Além da diferença lingüística, os missionários tinham de lutar contra um problema ainda mais grave: a permanência das antigas idolatrias e crenças, mesmo após a conversão dos indígenas. Por volta de 1540, muitos se queixavam da continuidade da antiga religião: “piden al rey les autorice a tomar medidas rigurosas contra la idolatría, pues si en apariencia los indios han renunciado a ella, siguen de noche y en lo secreto adorando a sus viejos dioses y ofreciéndoles sacrificios...”⁵

Na segunda metade do século XVI ainda prosseguiram as reclamações dos missionários. O próprio Sahagún acreditava que os indígenas aceitavam a fé católica, mas concomitantemente praticavam sua antiga religião. Aos santos, conceitos e rituais cristãos, os mesoamericanos associavam sua própria religião, ou seja, permaneciam honrando seus antigos deuses e praticando sua antiga crença ao mesmo tempo em que aceitavam o Deus cristão. Diante da persistência da religião nativa, muitos religiosos defendiam que, além da língua, era necessário o aprendizado dos costumes e tradições indígenas, pois era fundamental para a conversão definitiva o conhecimento das possíveis significações que os mexicanos dariam aos conceitos cristãos. Sahagún integrava esse conjunto de missionários. O franciscano pensava que apenas quando fosse conhecido profundamente o universo cultural mesoamericano seria possível aos evangelizadores efetivar a conversão religiosa. De acordo com Leon-Portilla, “las idolatrías, que tantas veces les salían al paso, sólo podrían ser erradicadas cuando se conocieran en verdad las raíces más ocultas del modo de pensar, creer y vivir de los indígenas...”⁶

A obra *Historia General* foi elaborada de acordo com essa mentalidade, com a intenção de abranger a religião, os costumes, as crenças, as idolatrias e o modo de vida mexicano, servindo como um compêndio que deveria ser utilizado pelos missionários no

⁵ SAHAGÚN, Frey Bernardino de. *Historia General de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988, p. 393. 2 v.

⁶ LÉON-PORTILLA, Miguel. *Bernardino de Sahagún*. Madrid: Quórum, 1987, p. 50.

processo de evangelização. Assim, adentrar o universo mesoamericano buscando entender sua religião e crenças era fundamental para que os franciscanos conseguissem extirpar o mal de toda a Nova Espanha, e as ações do frei Bernardino de Sahagún estavam totalmente coerentes com o pensamento e perspectiva cristã de sua ordem religiosa. Ao escrever sua obra o frade tinha como meta a conversão dos indígenas. Sendo um missionário espanhol, ele se esforçou para abolir a antiga religião e os costumes dos mesoamericanos, acreditando que os conhecendo melhor poderia aproximá-los da religião cristã.

Antes de iniciar a elaboração de sua grande obra, Sahagún trabalhou como missionário, até o ano de 1536, visitando várias comunidades e colaborando na conversão dos chamados infieis. Nesse mesmo ano, foi fundado o *Colégio de Tlatelolco* (em *Tlatelolco*), visando à educação dos filhos dos antigos nobres mexicanos. Sahagún foi um dos organizadores e primeiros professores do colégio, juntamente com outros importantes missionários, e o foi ininterruptamente até 1540. O trabalho no *Colégio de Tlatelolco* permitiu ao frade, além da propagação aos jovens indígenas da religião cristã, o aprendizado da língua *náhuatl* e o contato com os antigos costumes mesoamericanos. Durante a elaboração de sua obra, os ajudantes e alguns informantes de Sahagún provinham desse colégio e muitos deles haviam sido seus alunos.

Em 1540, Sahagún retornou ao trabalho missionário. Durante alguns anos viveu em várias cidades do Vale do México, colaborando na conversão dos indígenas e, em 1545, retornou ao *Colégio de Tlatelolco*. Em 1546, uma grande peste assolou a região, atingindo, inclusive, o próprio Sahagún. Os frades, preocupados em eliminar a doença, perguntaram aos anciãos como os doentes eram cuidados antes da chegada espanhola. Estes responderam que durante as graves doenças, os mexicas dirigiam orações ao deus *Tezcatlipoca*. Sahagún transcreveu essas orações e outros textos conhecidos por *Huehuetlahtolli*, “testemunhos da antiga palavra”. Assim, iniciava seu trabalho como cronista do universo indígena. O missionário recolheu informações sobre esses antigos discursos, mas também sobre as práticas morais mesoamericanas anteriores à chegada espanhola, material que corresponde ao livro VI de sua *Historia General*.

Outros missionários já estudavam o universo pré-hispânico, principalmente os assuntos ligados à medicina, à cartografia e aos códices indígenas, dentre os quais podemos citar o trabalho de

Motolónia,⁷ primeiro missionário a reunir fragmentos em espanhol dos discursos dos *Huehuetlahtolli*, publicado em 1541. Andrés de Olmos⁸ publicou sua *Arte para aprender la lengua mexicana* em 1547, e essa obra também continha uma compilação desses discursos em língua nativa.

Martínez⁹ afirma que, em 1555, Bernardino elaborou seu segundo texto, agora relatando a história da conquista espanhola. Esses escritos correspondem ao livro XII da *Historia General* que foram traduzidos para o espanhol em 1585, mas eles haviam sido escritos em *náhuatl*, trinta anos antes. Assim, alguns textos da obra sahumantiana foram elaborados durante seu trabalho missionário, tempos antes do início efetivo de seu trabalho como cronista.

Após ter elaborado os textos correspondentes aos livros VI e XII, Sahagún iniciou sua busca por informações sobre o modo de vida dos antigos mexicanos em *Tepepulco*, no ano de 1558 e o trabalho de investigação e elaboração de sua obra prolongou-se por vinte anos. O missionário coletou informações principalmente nas cidades de *Tepepulco*, *Tlatelolco* e *México*, utilizando sempre o mesmo método de investigação. Ele tornou-se tão importante e famoso quanto sua obra.

Para obter seus dados, Sahagún utilizava o seguinte procedimento: chegando a um povoado, solicitava aos senhores locais a indicação de alguns anciãos que conhecessem as antigas estruturas da sociedade mesoamericana. Estes respondiam, na maioria das vezes oralmente, a uma espécie de questionário que Sahagún havia elaborado *a priori*. Sahagún contava com a ajuda de alguns ex-alunos do Colégio de Tlatelolco para entrevistar seus informantes e coletar os dados.

En el dicho pueblo (*Tepepulco*) hice juntar todos los principales con el señor del pueblo [...]. Habiéndolos juntados propuseles lo que pretendía hacer y les pedí que me deseen personas hábiles y experimentadas, con quienes pudiese platicar y me supiesen dar razón de lo que les preguntase [...]. Otro día vinieron el señor con los principales, y hecho muy solemne parlamento, como ellos entonces le

⁷ MOTOLÍNIA, Fray Toribio de. *Historia de los indios de la Nueva España*. Madrid: Historia 16, 1985.

⁸ O frei Andrés de Olmos se dedicou à reunião dos discursos dos antigos mexicanos, na obra conhecida por *Huehuetlahtolli*. Infelizmente, a maior parte desse texto está perdida.

⁹ Bernardino de Sahagún: *el México Antiguo* (editado por José Luis Martínez). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981.

usaban hacer, señalaron me hasta diez o doce principales ancianos y dijeron me que con aquellos podían comunicar y que ellos me darían razón de todo lo que les preguntase. Estaban también allí hasta cuatro latinos, a los cuales yo pocos anos antes había enseñado la Gramática en el Colegio de Santa Cruz de Tlatelolco. Con estos principales y gramáticos, también principales, platiqué muchos días, cerca de dos años, siguiendo la orden de la minuta que yo tenía hecha...¹⁰

Algumas vezes, as respostas dos indígenas não eram transmitidas apenas oralmente. De acordo com Portilla, os informantes “...aceptaran informarle por medio de pinturas, es decir, valiéndose de sus libro, o códices, que iban comentando delante de él...”.¹¹ Deste modo os códices, com os quais Sahagún manteve contato, e as ilustrações elaboradas pelos informantes foram importantes fontes para sua pesquisa. Alguns destes códices e imagens foram copiados e anexados à versão final de seus escritos, compondo a seção pictográfica do *Códice Florentino*.

Ainda analisando o método de elaboração da *Historia General*, Navarrete comenta:

Sahagún fue quien definió la estructura de la obra y los temas a ser tratados, organizados en forma de detallados cuestionarios; los informantes indígenas, nobles y ancianos, respondieron a sus preguntas, y estas respuestas fueron a su vez transcritas, resumidas y completadas por los colaboradores [...] hombres de gran educación que dominaban el náhuatl, el español e incluso el latín...¹²

A participação de Sahagún foi vital para a construção da obra pois, além da idéia original, o frade elaborou as questões a serem respondidas pelos informantes e pertence a ele a escrita do texto. Entretanto, não podemos ignorar a participação dos indígenas e, inclusive, uma possível manipulação das informações por parte deles. Conforme Navarrete argumenta, “...en muchos casos las intenciones originales del franciscano [...] no fueron acatadas, pues los propios informantes respondieron de acuerdo con sus intereses [...] y los ayudantes sabían, mejor que nadie, que respuestas convenía darle a su jefe...”.¹³

¹⁰ SAHAGÚN, op. cit., 1988, p. 77-78.

¹¹ LÉON-PORTILLA, Miguel. Bernardino de Sahagún, pionero de la antropología. *Arqueología Mexicana. Fray Bernardino de Sahagún*. México: Editorial Raíces & INAH & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, v. 6, n. 36, p. 10, 1999.

¹² NAVARRETE LINHARES, Federico. Vida cotidiana y moral indígena en la Historia General. *Arqueología Mexicana. Fray Bernardino de Sahagún*. México: Editorial Raíces & INAH & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, v. 6, n. 36, p. 35, 1999.

¹³ Idem, *ibid.*, p. 35.

Os ajudantes de Sahagún, seus antigos alunos, dominavam conceitos dos dois universos culturais, e podemos inferir que em alguns momentos eles enfatizaram aspectos da vida mesoamericana que coincidiam com a moral cristã. Nesse momento, podemos perguntar qual o limite, nas descrições de Sahagún, entre a reprodução das idéias e culturas pré-hispânicas e a influência já manifesta do universo cristão europeu? A possibilidade de manipulação das informações por parte dos informantes e ajudantes nos indica a importância da efetiva participação indígena. Contudo, as informações manipuladas não refletiam automática e fielmente o universo pré-hispânico, mas responderam aos anseios e objetivos colocados por europeus. Não obstante, o relato mexicano está de algum modo presente na obra de Sahagún e é impossível desprezá-lo. Considerando a ativa participação nativa, mas também a contribuição essencial e prática de Sahagún, conclui-se que a *História General* é um relato híbrido, criado a partir do encontro de dois mundos e em conformidade com as necessidades de sobrevivência que as duas sociedades enfrentaram. Navarrete afirma que a obra possui e é formada por elementos da visão européia, pois o método de elaboração foi determinado por Sahagún, mas também por parcelas do universo indígena, pois as informações obtidas sobre a Mesoamérica pré-colombiana foram possíveis graças à colaboração dos nativos.

Em 1579, Sahagún finalizou sua versão espanhola, juntamente com a parte pictográfica, ou seja, com as pinturas indígenas. A obra completa de Sahagún ficou conhecida por *Códice Florentino*. As imagens deste códice foram produzidas durante três anos, por escrivães e artistas indígenas, e podem ser consideradas como interpretações dos temas expressos no texto escrito. De acordo com o próprio Sahagún, “todas las cosas que conferimos me las dieron por pinturas, que aquella era la escritura que antiguamente usaban...”.¹⁴

Após a finalização da obra completa, composta pelos textos bilíngües e pela pictografia, esta foi enviada à Espanha, onde fez parte do dote da filha do rei Felipe II no seu casamento com Lorenzo, o Magnífico. Este fato explica como a obra chegou a Florença e recebeu o nome de *Códice Florentino*. A estrutura deste códice foi apresentada por Martínez: “El Códice Florentino está compuesto en dos columnas, español a la izquierda y náhuatl a la derecha, y las ilustraciones se intercalan en cuadretes, casi siempre en la columna izquierda, más breve...”.¹⁵

¹⁴ Sahagún, op. cit., 1988, p. 78.

¹⁵ Martínez, op. cit., 1981, p. LXXIX.

A partir de 1585 o missionário dedicou-se à revisão de seus escritos, principalmente os relativos à idolatria e às crenças mexicanas. Em cinco de fevereiro de 1590, provavelmente aos 91 anos, Sahagún morreu vitimado por uma epidemia, dentre tantas que existiam àquela época na Nova Espanha.

Conclusão

O objetivo do frei Bernardino de Sahagún nas novas terras descobertas era a conversão dos nativos, ou seja, a expansão da fé cristã na América. Após o início da evangelização e do trabalho missionário, os indígenas passaram a professar a fé cristã, mas os homens da Igreja logo notaram que, concomitantemente, ainda praticavam sua antiga religião.

Assim, almejando eliminar a religião mesoamericana para efetuar a legítima conversão ao cristianismo, muitos franciscanos defenderam a necessidade de conhecer o universo indígena, principalmente o religioso, para obter as informações necessárias ao reconhecimento da religião nativa durante as práticas religiosas dos indígenas. A obra *Historia General de las cosas de Nueva España* surgiu neste contexto, um compêndio sobre o universo cultural e religioso dos mesoamericanos pré-hispânicos, que visava alertar os missionários espanhóis da possível permanência destas tradições no cotidiano pós-conquista. Entretanto, a riqueza deste texto ultrapassou seus objetivos iniciais, tornando-se um importante relato sobre o modo de vida dos povos do Vale do México, fonte documental inesgotável para os trabalhos sobre a Mesoamérica.

Referências

- ABAD PÉREZ, Antolín. *Los franciscanos en América*. Madri: Mapfre, 1992.
- BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. La enseñanza como vía de integración indo-española: la experiencia de frei Bernardino de Sahagún. In: ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; MAIA, C. (coords.). *História da ciência: o mapa do conhecimento*. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão e Cultura/Edusp, 1995.
- Bernardino de Sahagún: el México Antiguo* (editado por José Luis Martínez). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1981.
- BOXER, C. R. *A igreja e a expansão ibérica*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). *América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, 1998.

ESSER, Kajetan. *Origens e espírito primitivo da Ordem franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1972.

GARCIA QUINTANA, Josefina. Introdução. In: SAHAGÚN, Bernardino. *Historia general de las cosas de la Nueva España*. Madrid: Alianza Universidad, 1988. 2 v.

GARIBAY, Angel Maria. Introdução. In: SAHAGÚN, Bernardino. *Historia General de las cosas de la Nueva España*. México: Porrúa, 1999.

Historia General de las cosas de Nueva España (edição e prólogo de Claus Litterscheid). In: *Hablan los aztecas: historia de las cosas de Nueva España*: fray Bernardino de Sahagún y los informantes aztecas. Barcelona: Tusquets, 1985.

LÉON-PORTILLA, Miguel. *Bernardino de Sahagún*. Madrid: Quórum, 1987.

———. Bernardino de Sahagún, pionero de la antropología. *Arqueología Mexicana*. Fray Bernardino de Sahagún. México: Editorial Raíces & INAH & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, v. 6, n. 36, p. 10, 1999.

MORSE, R. M. *O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NAVARRETE LINHARES, Federico. Vida cotidiana y moral indígena en la Historia General. *Arqueología Mexicana*. Fray Bernardino de Sahagún. México: Editorial Raíces & INAH & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, v. 6, n. 36, p. 35, 1999.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de Mexico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ROMERO GALVÁN, José Rubén. Historia general de las cosas de Nueva España. In: *Arqueología Mexicana*. Fray Bernardino de Sahagún (direção científica Joaquín García Bárcena e outros). México: Editorial Raíces & INAH & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, v. 6, n. 36, p. 14-21, 1999.

RULFO, Juan. Sahagún y su significado histórico. In: *Hablan los aztecas: historia de las cosas de Nueva España: fray Bernardino de Sahagún y los informantes aztecas*. Barcelona: Tusquets, 1985.

SAHAGÚN, Fray Bernardino de. *Historia General de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza, 1988. 2 v.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

USLAR PIETRI, Arturo. *La creación del Nuevo Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 29.

VILLORO, Luis. Sahagún o los límites del descubrimiento del Otro. In: *Estudios de Cultura Náhuatl* (editores Miguel León Portilla e outros). México: Universidad Nacional y Autónoma de México – Instituto de Investigaciones Históricas, v. 29, p. 15-26, 1999.

WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.). *América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, 1998.